

# RETÁBULO DE DOM CRISTÓBAL

FARSA PARA GUINHOL

PERSONAGENS

AUTOR

DIRETOR

BONECOS

POETA

DOM CRISTÓBAL

DOENTE

MÃE DE ROSITA

ROSITA

CURRITO

Prólogo falado

O AUTOR

Senhoras e senhores, o poeta que interpretou e recolheu de lábios populares esta farsa de guinhol, tem certeza que o público culto desta tarde saberá acolher com inteligência e coração limpo a deliciosa e dura linguagem dos bonecos.

Todo o teatro de bonecos tem este ritmo, esta fantasia e esta encantadora liberdade que o poeta conservou no diálogo.

O teatro de bonecos é a expressão da fantasia do povo e dá o clima de sua graça e de sua inocência.

De forma, então, que o poeta sabe que o público ouvirá com alegria e simplicidade expressões e vocábulos que nascem da terra e que servirão como limpeza em uma época em que maldades, erros e sentimentos turvos chegam até o mais fundo dos lares.

*Entra o Poeta.*

O POETA

Homens e mulheres, atenção, quieto, menino. Quero que haja um silêncio tão profundo que dê para ouvir o glu-glu das fontes. E se um pássaro mexer uma asa, que ouçamos também e se uma formiguinha mexe uma patinha, que a gente ouça também e se um coração bater com força que nos pareça uma mão afastando os juncos da margem. Ai! Ai! Será preciso que as moças fechem os leques e as meninas pequem seus lencinhos de renda para ouvir e para ver as coisas de dona Rosita, casada com dom Cristóbal, e as coisas de dom Cristóbal casado com dona Rosita.

Ai! Ai! Já começa a tocar o tambor. Podem chorar e podem rir, não me importa nada de nada.

Eu agora vou comer um pouquinho de pão, um pouquinho de pão que os pássaros deixaram para mim. E depois vou passar os trajes da companhia. (*olha para ver se é observado*) Quero dizer para vocês que eu sei como nascem as rosas e como se criam as estrelas do mar, mas...

DIRETOR – O senhor faça o favor de se calar. O prólogo termina quando se diz: “Vou passar os trajes da companhia”.

POETA – Sim, senhor.

DIRETOR – O senhor, como poeta, não tem o direito de revelar o segredo com o qual nós todos vivemos.

POETA -- Sim, senhor.

DIRETOR – Eu não pago o seu dinheiro?

POETA – Sim, senhor. Mas é que eu sei que dom Cristóbal no fundo é bom e que talvez possa ser.

DIRETOR – Pateta. Se não calar a mboca, eu subo aí e quebro essa sua cara de broa de milho. Quem é você para acabar com esta lei de maldade?

POETA – Já terminei, vou me calar.

DIRETOR – Não, senhor. Diga o que precisa dizer e o que o público sabe que é verdade.

POETA – Respeitável público, como poeta, tenho de dizer que dom Cristóbal é mau.

DIRETOR – E não pode ser bom.

POETA – E não pode ser bom.

DIRETOR – Vamos, continue.

POETA – Já vai, senhor Diretor. E nunca poderá ser bom.

DIRETOR – Muito bem. Quanto lhe devo?

POETA – Cinco moedas.

DIRETOR – Aqui estão.

POETA – Não quero moedas de ouro. O ouro me parece fogo e eu sou poeta da noite. Me dê moedas de prata. As moedas de prata parece que são iluminadas pela lua.

DIRETOR – Ha, ha, ha. Assim eu saio ganhando. Vamos começar.

POETA – Abra o seu balcão, Rosita,  
que vai começar a função.  
Te espera uma mortezinha  
e um marido dorminhoco.

*Música.*

DIRETOR – Cristóbal.

CRISTÓBAL – (*fora*) O quê?

DIRETOR – Venha que o público está esperando.

CRISTÓBAL – Já vou.

DIRETOR – E dona Rosita?

ROSTIA – Estou calçando meu sapatinho  
(*ouvem-se roncos*)

DIRETOR – Que é isso? Já está roncando, Cristóbal!

CRISTÓBAL – Já vou, senhor Diretor. É que estou mijando.

DIRETOR – Cale a boca e não diga barbaridades.

CRISTÓBAL – (*entra*) Boa noite, cavalheiros.

DIRETOR – Vamos, don Cristóbal, tem de começar o drama. É sua obrigação.  
Você é um médico.

CRISTÓBAL – Eu sou um médico. Mãos a obra.

DIRETOR – Pense, don Cristóbal, que você precisa de dinheiro para casar.

CRISTÓBAL – É verdade.

DIRETOR – Ganhe logo.

CRISTÓBAL – Vou pegar o porrete.

DIRETOR – Bravo. Estou vendo que me entendeu.

DOENTE – (*entra*) Bom dia.

CRISTÓBAL – Boa noite para o senhor.

DOENTE – Bom dia.

CRISTÓBAL – Boa noite.

DOENTE – Boa tarde.

CRISTÓBAL – Noite negra.

DOENTE – (*tímido*) Quem sabe eu possa dar boa noite.

CRISTÓBAL – Boa noite fechada.

DOENTE – Diante disso, estou convencido de que o senhor é um grande médico e pode me curar. (*enérgico*) Bom dia!

CRISTÓBAL – (*grita*) Eu disse que é boa noite e é boa noite.

DOENTE – Bravo. Como o senhor quiser.

CRISTÓBAL – O que é que dói?

DOENTE – Me dói o pescoço  
onde o cabelo é mais grosso  
e me alertou desse troço  
o meu primo Juan Colosso.

CRISTÓBAL – O que resolve isso é a degola. (*agarra-o*)

DOENTE – Ai! ai! ai! ai! dom Cristóbal.

CRISTÓBAL – Vamos. Tenha a bondade de esticar um pouquinho o pescoço pra eu poder mexer na carótida.

DOENTE – Ai! Não consigo mexer o pescoço.

CRISTÓBAL – Estou mandando que tente mexer a carótida.

DOENTE – Ai! É impossível.

CRISTÓBAL – Afaste você mesmo com as mãos as jugulares.

DOENTE – Se eu conseguisse já tinha afastado. (*agressivo*) Bom dia, bom dia.  
bom dia, bom dia, bom dia.

CRISTÓBAL – Você já vai ver uma coisa.

*Sai. O Doente se queixa, jogado em cima do parapeito.*

DOENTE – Ai! ai, como me dói a carótida. Ai, minha carótida! Estou com caroidite.

CRISTÓBAL – *(entra com o porrete)* Aqui estou.

DOENTE – O que é isso, dom Cristóbal?

CRISTÓBAL – É o aparelho de aguardente.

DOENTE – Pra que serve?

CRISTÓBAL – Pra te pôr o pescoço quente.

DOENTE – Mas vou ficar curado ou ferido?

CRISTÓBAL – Com a porrada é garantido.

Você tem muito dinheirinho?

DOENTE – Vinte durinhos e vinte durinhos,  
e debaixo do jalequinho  
seis durinhos e três durinhos,  
e no olhinho  
do cuzinho  
tenho um rolinho  
com vinte durinhos.

CRISTÓBAL – Pois então vou te curar.

Mas você não vai contar.

DOENTE – *(agressivo)* Bom dia, bom dia, bom dia, bom dia, bom dia, bom dia.

CRISTÓBAL – *(dá-lhe uma porretada)* Boa noite. Te peguei. Estique o pescoço.

DOENTE – Não consigo, dom Cristóbal.

CRISTÓBAL – *(dá-lhe uma porrada)* Estique o pescoço.

DOENTE – Ai! minha carótida.

CRISTÓBAL – Mais pescoço.

DOENTE – Ai! minha carótida.

CRISTÓBAL – Mais pescoço.

DOENTE – Ai! minha carótida.

CRISTÓBAL – Mais pescoço. *(batendo)* Mais pescoço, mais pescoço, mais pescoço.

*O Doente estica um pescoço de um metro.*

DOENTE – Aiiiiiiiiiii! *(guarda todo o pescoço e se levanta, mas dom Cristóbal arremata com ele)*

CRISTÓBAL – Te matei, pentelho, te matei...  
um, dois, três,  
pro barranco com ele. (*ouve-se um grande golpe*) Olé, olé, olé, olé.

DIRETOR – Ele tinha dinheiro?

CRISTÓBAL – Tinha.

DIRETOR – Pois é preciso casar.

CRISTÓBAL – Preciso casar.

DIRETOR – Aí vem a mãe de doña Rosita. Você tem de falar com ela.

MÃE – Eu sou a mãe de doña Rosita

E quero que ela se case,

Porque já tem dois peitinhos

como duas laranjinhas

e um cuzinho

como um queijinho

e uma periquita

que lhe canta e que lhe grita.

É o que eu digo:

ela precisa de um marido.

E se for possível, dois.

Ha, ha, ha, ha, ha.

CRISTÓBAL – Senhora.

MÃE – Cavalheiro,

de pena e tinteiro.

CRISTÓBAL – Não tenho chapéu.

Saiba a senhora que quero casar.

MÃE – Eu tenho uma filha,

que dinheiro me dá?

CRISTÓBAL - Uma onça de ouro  
das que cagou o mouro.

Uma onça de prata

das que cagou a gata

e um punhado de moedinhas

das que gastou tua mãe quando era

pequeninha.

MÃE – E quero também uma mula  
pra ir a Lisboa quando sai a lua.

CRISTÓBAL – Uma mula é muito, não posso, não, senhora.

MÃE – Você tem dinheiro, senhor dom Cristóbal.  
Minha Rosita é jovem e você já é velho.  
Velho, velho pelego.

CRISTÓBAL – E a senhora é tão velha  
que limpa o cu com um caco de telha.

MÃE – Bêbado! Indecente!

CRISTÓBAL – Vou te por a barriga quente! Onde está Rosita?

MÃE – No quarto de camisola.  
E olha que está solita.  
Ha, ha, ha, ha.

CRISTÓBAL – Ai! como que eu fico.

MÃE – Ai!, com o sorongo, ai! com o sorongo.

CRISTÓBAL – Me dê seu retrato.

MÃE – Primeiro assinamos o contrato.

CRISTÓBAL – Rosita, para ver  
a ponta do seu pé,  
se me deixassem,  
veríamos a ver.

MÃE – Vai ver o pé  
quando estiver contigo.  
Se me der dinheiro  
ela faz o que eu digo.

*Sai cantando.*

*Música*

ROSITA – (*fora de cena*) Com o baile, baila, baile,  
bailo tanto, quase morro,  
cada hora, meu menino,  
mais eu sinto o fogo arder.

*(Entra em cena)*

Ai, que noite tão clarita  
vive em cima dos telhados.

Nesta hora os meninos  
contam as estrelas  
e os velhos dormem  
em cima dos seus cavalos.

Mas eu queria era estar:

no divã

com Juan,

no colchão

com Romão,

no canapé

com José,

na cadeira

com o Madureira,

no assoalho

com o Ramalho,

grudada no muro

com o lindo Arturo

e na grande chaise-longue

com Juan, com José, com Madureira,

com Arturo e com Romão.

Ai, ai, ai, ai! Eu quero é casar, estão ouvindo?

Eu quero é casar

com um mocinho,

com um militar,

com um arcebispo,

com um generar,

com um bacanudo

de bacanear

e com vinte

mocinhos de Portugal.

*(sai)*



CRISTÓBAL – Então, estamos combinados?

MÃE – Estamos.

CRISTÓBAL – Porque se não estamos eu tenho um cachiporrete e já sabe o que te acontece.

MÃE – Ai. Que que eu fiz?

CRISTÓBAL – Tá com medo?

MÃE – (*tremendo*) Ai!

CRISTÓBAL – Diga: estou com medo!

MÃE – Estou com medo!

CRISTÓBAL – Diga: já me domou dom Cristóbal!

MÃE – Já me domou dom Cristóbal!

CRISTÓBAL – Como vou domar sua filha!

MÃE – E então...

CRISTÓBAL – Te dou a onça de ouro das que cagou o mouro e você me entrega tua filha Rosita e tem de me agradecer porque já está madurita.

MÃE – Tem vinte anos.

CRISTÓBAL – Eu disse que tá madurita e tá! Mas apesar de tudo é uma linda moça. Diga, diga, diga...

MÃE – Tem dois peitinhos  
como duas laranjinhas  
e um cuzinho como um queijinho  
e uma periquita...

CRISTÓBAL – Aiiiiiiiiiiiiiiiiii!

MÃE – E uma periquita  
que lhe canta e que lhe grita.

CRISTÓBAL – Sim, senhor, vou casar porque dona Rosita é um *boccato di cardinali*.

MÃE – Vosmecê fala italiano?

CRISTÓBAL – Não. Mas na minha juventude estive na França e na Itália, trabalhando para um tal dom Pantaleão. Minha vida não te interessa. Agora trema. Todo mundo na minha frente tem de tremer.  
Caralhorum, tem que tremer.

MÃE – Já estou tremendo.

CRISTÓBAL – Chame Rosita.

MÃE – Rositaaaaaaa.

ROSITA - Que foi?  
Eu quero casar  
com um bezerro nonato,  
com um jacaré,  
com um jumentinho,  
com um general  
que pra este caso  
tanto se me dá.

CRISTÓBAL – Ai, que presuntinhos ela tem  
na frente e atrás!

MÃE – Quer casar?

ROSITA – Eu quero casar.

MÃE – Quer casar?

CRISTÓBAL – Eu quero casar.

MÃE – (*chorando*) Não vá me tratar mal dela. Ai, que pena da minha filhinha!

CRISTÓBAL – Avise o padre.

*A Mãe sai gritando. Cristóbal se aproxima e vão juntos para igreja.*

*Soam sinos.*

POETA – Estão vendo? Mesmo assim, mais vale é a gente dar risada. A lua é uma águia branca. A lua é uma galinha que bota ovos. A lua é um pão para os pobres e um tamborete de cetim para os ricos. Mas nem dom Cristóbal, nem dona Rosita veem a lua. Se o Diretor quisesse, dom Cristóbal podia ver ninfas da água e dona Rosita podia encher de geadas seu cabelo, no terceiro ato, quando cai neve em cima dos inocentes. Mas o dono do teatro deixa os personagens enfiados numa caixinha de ferro para que sejam vistos só pelas senhoras de peito de seda e nariz tonto, e os cavalheiros com barba que vão ao clube e dizem: Ca-ram-ba. Porque dom Cristóbal não é assim, nem dona Rosita...

DIRETOR – Quem está aí falando desse jeito?

POETA – Eu disse que já estão casando.

DIRETOR – Faça o favor de não meter a pata. Se eu tivesse imaginação já teria te jogado no olho da rua,

CRISTÓBAL – Ai! Rosita.

ROSITA – Bebeu muito?

CRISTÓBAL – Queria ser todo vinho pra me beber a mim mesmo. Ahhhhh! E a minha barriga um grande pastel com ameixas e batatas. Rosita, me cante alguma coisa.

ROSITA – Canto. (*canta*) O que você quer que eu cante? O canção de Goicoechea ou a Marselhesa de Gil-Robles? Ai! Cristóbal. Estou com medo. O que você vai me fazer?

CRISTÓBAL – Vou te fazer muuuuuuuuuuu!

ROSITA - Ah, não! Vai me assustar.

E à meia-noite que que você me faz?

CRISTÓBAL – Te faço aaaaaaaaaaaaaaaaaa.

ROSITA – Ai, não vai me assustar.

E às três da manhã que que você faz?

CRISTÓBAL – Te faço piiii.

ROSITA - E então você vai ver  
como a minha periquita vai voar.

(*Se abraçam*)

CRISTÓBAL – Ai! minha Rosita.

ROSITA – Bebeu muito?

Por que não tira uma sonequinha?

CRISTÓBAL – Vou dormir

pra ver se me acorda o colorido.

ROSITA – Isso, isso, isso, isso, isso. (*Cristóbal ronca. Entra o Currito, se abraça com Rosita e ouvem-se grandes beijos*)

CRISTÓBAL – (*desperta*) Que é isso, Rosita?

ROSITA – Ai, ai, ai! Está vendo que lua tão grande? Que resplendorrrrrrrrr? É a minha sombra. Sombra, vá embora!

CRISTÓBAL – Vá embora, sombra!

ROSITA – Que lua incômoda, verdade, Cristóbal? Por que não tira outra sonequinha?

CRISTÓBAL – Vou descansar  
pra ver se desperta o meu pombal.

ROSITA – Sim, sim, sim, sim, sim, sim, (aparece o Poeta, se põe a beijar Rosita e Cristóbal desperta)

CRISTÓBAL – Que é isso, Rosita?

ROSITA – Como tem muito pouca luz você não enxerga. É, é... o aparelho de fazer renda de bilro. Está vendo o barulho? (*ouvem-se beijos*)

CRISTÓBAL – Parece que tá fazendo barulho demais.

ROSITA – Vá embora, aparelho!  
Verdade, Cristobinho?  
Por que não tira outro soninho?

CRISTÓBAL – Vou descansar  
para a minha rola poder repousar.

*Entra o Doente pelo outro lado e dona Rosita o beija também.*

CRISTÓBAL – Que que é isso que eu tô ouvindo?

ROSITA – É que já está começando o pôr do sol.

CRISTÓBAL – Brrrrr. O que é isso? Foi você?

ROSITA – Não fique assim, São os sapos na lagoa.

CRISTÓBAL – Será mesmo? Agora acabou e requeteacabou. Brrrrrrrrr.

ROSITA – Mas não grite. São os leões do circo, são os maridos ultrajados que estão falando na rua.

MÃE – Rositaaaaaa. O médico chegou.

ROSITA – Ai, o médico! Ai, ai, ai, ai, minha barriguiinha.

MÃE – Homem ruim, cachorro. Por sua culpa agora vai ter de nos dar todo o seu dinheiro.

ROSITA – Todo o seu dinheiro. Ai, ai, ai! (*saem*)

DIRETOR – Cristóbal.

CRISTÓBAL – Que foi?

DIRETOR – Desça imediatamente porque dona Rosita está doente.

CRISTÓBAL – O que ela tem tem?

DIRETOR – Está em trabalho de parto.

CRISTÓBAL – De partoooooooooo?

DIRETOR – Teve quatro filhos.

CRISTÓBAL – Ai, Rosita. Você me paga. Mulher ruim. E cem duros me custou. Pim, pam, brrrr.

*Rosita grita fora de cena.*

CRISTÓBAL – De quem são os filhos

MÃE – Teus, teus, teus.

CRISTÓBAL – (*bate nela*) De quem são os filhos?

MÃE – Teus, teus, teus.

*Outro golpe. Rosita em parto, grita fora de cena.*

DIRETOR – Agora está nascendo o quinto.

CRISTÓBAL – De quem é o quinto?

MÃE – Teu. (*golpe*)

CRISTÓBAL – De quem é?

MÃE – Teu, só teu. (*golpe*) Teu, teu, teu, teu. (*morre e fica estendida no parapeito*).

CRISTÓBAL – Te matei, pentelha, te matei. Agora vou saber de quem são esses filhos. (*começa a sair*)

MÃE – (*levanta-se*) Teus, teus, teus, teus. (*Cristóbal bate nela, sai e volta com dona Rosita*) Toma, toma, por... por... por...

DIRETOR – (*Aprece sua grande cabeça no teatrinho*) Basta. (*Agarra os bonecos, fica com eles na mão e mostra ao público*) Senhoras e senhores. Os camponeses andaluzes assistem com frequência comédias desse ambiente debaixo dos ramos cinzentos das oliveiras e no ar escuro dos estábulos abandonados. Entre os olhos das mulas, duros como socos, entre o couro bordado dos arreios cordobeses e entre os ternos grupos de espigas molhadas, explodem com alegria e com encantadora inocência diante dos palavrões e vocábulos que não suportamos nos ambientes das cidades, turvos de álcool e baralhos. Os palavrões adquirem ingenuidade e frescor ditos pelos bonecos que reproduzem o encanto dessa velhíssima farsa rural. Enchamos o teatro de espigas frescas, debaixo das quais os palavrões lutem em cena contra o tédio e

a vulgaridade a que condenamos o teatro. E saudemos hoje, em “La Tarumba” a dom Cristóbal, o andaluz, primo do Bululú galego e cunhado da tia Norica de Cádiz, irmão de Monsieur Guinhol de Paris e tio de dom Arlequim de Bérghamo, como um dos personagens em quem continua pura a velha essência do teatro.